

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: TEMOS O QUE ENSINAR?

Marize CISNEIROS*

O objeto de discussão neste Seminário é, na minha percepção, parte integrante da problemática da educação física, em termos acadêmicos e profissional, traduzindo a inquietação dos seus profissionais, principalmente aqueles que estão atuando no ensino de primeiro e segundo graus.

Acredito que já temos clareza suficiente de que a institucionalização da educação física na educação escolarizada decorreu do enfoque biomédico e de necessidades militares como ordem social e defesa nacional, assim não faltam evidências de que a sua permanência sempre foi determinada por fatores predominantemente externos, perseguindo objetivos alheios ao que lhe fosse específico. Portanto, concordo com Santin (1992, p.32) ao afirmar que "a educação física autônoma, porque alicerçada em seus próprios fundamentos, não existe "

Esses fundamentos estão sendo buscados desde a década de 80, quando alguns profissionais da área não convencidos de que a educação física se caracterizaria pela simples prática de determinadas atividades motoras, passaram a interrogar o que justifica sua presença na universidade. Desde então, a definição do objeto de estudo dessa área tem sido um problema ainda sem solução. Por extensão, seus fundamentos e sua contribuição como componente curricular também são questionados, uma vez que a preparação universitária de seus profissionais se faz preponderantemente na forma de licenciatura e a instituição escola também vem sendo objeto de questionamento.

Não tenho dúvida de que a discussão em torno dessa problemática provocou o rompimento da inércia na área e, ao colocar em xeque os seus serviços prestados à sociedade, alertou quanto aos falsos poderes que lhes são atribuídos como, por exemplo, socialização. Contudo, percebo alguns problemas decorrentes do encaminhamento das discussões, principalmente, no que se refere ao componente curricular educação física.

Hoje existem tantos objetos de estudo quantas são as propostas pedagógicas apresentadas, evidenciando a predominância da dissensão, em vez do consenso sobre a sua especificidade. Além do mais, alguns profissionais julgam que apenas eles possuem o verdadeiro entendimento dessa especificidade.

Acredito que chegamos perto da essência tão procurada, tirando da educação física as "vestes" que não a caracterizavam e vejo que as mesmas voltam a ser usadas e outras estão sendo acrescentadas - ficamos com um problema maior.

As incertezas sobre a validade do que se ensinava e, principalmente, sobre o que deveria ser ensinado, bem como a absorção, sem o devido entendimento, de propostas pedagógicas, têm levado a uma prática permissiva na qual os alunos decidem o que, como e quando fazer. Dessa forma, conservam o entendimento espontâneo, adquirido no seu cotidiano, sem terem a oportunidade de aprimorá-lo e, assim, terem condições de agir com habilidade e discernimento. Além disso, sem encontrarem uma justificativa plausível, alguns professores passaram a declarar como objetivos específicos do componente curricular educação física aqueles objetivos que, portanto, devem ser perseguidos por todos os componentes curriculares.

Diante dessas observações, não seria possível chegarmos a um denominador comum sobre o objeto de discussão neste Seminário, no espaço de tempo de sua realização, mas podem ser apresentados mais elementos para seu aprofundamento. Por esse motivo, quero tão somente acrescentar algumas considerações, tentativa de contribuir para o debate, sendo importante começar pela instituição escola.

No meu entender, a função dessa instituição é proporcionar o acesso ao saber sistematizado nas diferentes áreas do conhecimento, admitidos como necessários para a concretização dos objetivos da educação escolarizada. Tais objetivos dizem respeito à possibilidade do aluno agir com uma perspectiva diferente, o que requer uma iniciação "em atividades, modos de conduta e pensamento, que possuem regras intrínsecas, referentes ao que é possível para a ação, para o pensamento e para o sentimento, nos vários graus de competência, relevância e gosto" (Peters, 1979, p. 125).

* Escola Superior de Educação Física de Pernambuco.

Nesse sentido, o conhecimento a ser veiculado na escola precisaria estar voltado para um entendimento que nos permita agir adequadamente "para a satisfação de nossas necessidades, sejam elas físicas, biológicas, estéticas ou outras" (Luckesi, 1991, p.123). A partir da educação escolarizada, a conduta humana deixaria de ser guiada exclusivamente pelo habitual, pela tradição, pelo que espontaneamente é absorvido do cotidiano, para ser norteadas também pelas regras do saber metódico, mas não sem uma atitude crítica frente a elas. Tenho essa concepção como pano de fundo, sem desconsiderar toda a problemática existente na educação escolarizada, mas estando otimista em relação ao que pode ser conseguido através dos esforços empreendidos, particularmente, pelos profissionais da educação.

Assim, considero que a aplicação dos conteúdos de qualquer componente curricular, selecionados do conhecimento específico das áreas correspondentes, precisará requisitar a compreensão do aluno, possível naquele momento de seu desenvolvimento. Caso contrário, não faz sentido a presença desses componentes no currículo escolar, pois o discernimento é um dos princípios básicos da educação escolarizada e esse, por sua vez, tem como pré-requisito a compreensão.

Nessa oportunidade, quero elucidar a questão do caráter de atividade atribuído ao componente curricular educação física, já abordada por vários profissionais da área (Bracht, 1989; Castellani, 1991; Mariz de Oliveira, 1991; Reis, 1993; Soares, 1988). Recentemente, ouvi a professora Beatriz Fétizon declarar que havia uma deturpação do porquê do caráter de atividade, área de estudo e disciplina, já que o mesmo se tratava exclusivamente de uma orientação metodológica e não de uma determinação. Pude observar, revendo o assunto, que tal orientação tem respaldo nos estudos de Piaget e que o caráter atribuído a um componente curricular vai depender da natureza e abrangência do seu campo correspondente e sua conexão com os níveis de assimilação da criança e do adolescente. Se são esses os pressupostos, o componente curricular educação física não necessariamente terá o mesmo caráter ao longo do período de educação escolarizada.

Se entendermos que o objeto de estudo da educação física é o ser humano em movimento, com a perspectiva de atender, com habilidade e discernimento, as suas necessidades, seus desejos e suas aspirações cotidianas, o componente curricular correspondente a ela terá essencialmente o caráter de atividade apenas nas séries iniciais do ensino de primeiro grau, assumindo o caráter de área de estudo ou disciplina nas séries subsequentes.

Desse modo, o objetivo a ser perseguido por intermédio do componente curricular educação física será a assimilação, por parte do aluno, de conhecimento sobre o movimento humano e suas implicações biológicas, psicológicas, ecológicas e sócio-culturais, de forma que lhe possibilite: a) adquirir modos adequados de agir em determinadas situações enfrentadas no seu cotidiano, assim como hábitos em relação ao seu envolvimento em atividades motoras, tendo condições de selecioná-las e avaliá-las, e b) rever/incorporar valores fundamentais no movimentar-se. Nesse sentido, na aula de educação física seria tratado o conhecimento sobre o movimento humano, não necessariamente sem movimento, em termos dos seus limites e possibilidades, das diferentes implicações do movimentar-se em suas relações consigo, com os outros e com o mundo. É através do conhecimento que podemos formar habilidades, hábitos e convicções.

Assim entendendo, vejo que temos o que ensinar e, principalmente, o que aprender, pois o conhecimento disseminado na nossa preparação universitária não oferece condições para ensinarmos o que aqui foi apresentado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRACHT, V. Educação física: a busca da autonomia pedagógica. *Revista da Fundação de Esporte e Turismo*, v.1, n.2, p.12-9, 1989.
- CASTELLANI, L. **Educação física no Brasil: a história que não se conta.** Campinas, Papirus, 1991.
- LUCKESI, C.C. **Filosofia da educação.** São Paulo, Cortez, 1991.
- MARIZ DE OLIVEIRA, J. G. Educação física escolar: construindo castelos de areia. *Revista Paulista de Educação Física*, v.5, n.1/2, p.5-11, 1991.
- PETERS, R. S. Educação como iniciação. In: ARCHAMBAULT, R.D. **Educação e análise filosófica.** São Paulo, Saraiva, 1979. p.101-30.
- REIS, M.C.C. **O entendimento da instituição escola apresentado por licenciandos em educação física e por licenciandos em outros componentes curriculares.** São Paulo, 1993. Dissertação (Mestrado) - Escola de Educação Física, Universidade de São Paulo.
- SANTIN, S. **Educação física: temas pedagógicos.** Porto Alegre, EST/ESEF, 1992.
- SOARES, C.L. Fundamentos da educação física escolar. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v.10, n.1, p.19-27, 1988.